



IF-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A mulher na poesia de Hesíodo: por uma reflexão acerca da opressão de gênero⁴⁵

Por: Rafael Egídio Leal e Silva⁴⁶

rafael.silva@ifpr.edu.br

Resumo:

Esse artigo tem o objetivo de apresentar e analisar as ideias míticas sobre a mulher, através da poesia de Hesíodo. Para isto, questionamos a forma que a mulher era vista naquela sociedade, e como o aedo expressou tal visão em sua obra.

Palavras-chave: Hesíodo; Mulher; Mito; Poesia; Grécia.

Resumo:

Tiu artikolo celas prezenti kaj analizi la mitaj ideoj pri virinoj, tra Hesíodo poeziaĵojn. Por tiu, ni pridubas la vojo la virino estis viditaj en tiu socio, kaj kiel la bardo esprimis

45. Publicado originalmente em IF-Sophia: revista eletrônica de investigações Filosófica, Científica e Tecnológica, outubro/ 2016, Ano II, v. II, número IX.

46. É Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá – UEM, Especialista em Sociologia no Ensino Médio pela Universidade Estadual de Pont Grossa – UEPG, Especialista em História das Religiões pela Universidade Estadual de Maringá – UEM, Especialista em Teoria Histórico-Cultural pela Universidade Estadual de Maringá – UEM, é Graduado e Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Maringá – UEM e Graduado em Direito pela mesma instituição. É servidor público federal, docente EBTT de Sociologia, lotado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR, na cidade de Umuarama/ PR. É professor, pesquisador e Coordenador de Pesquisa do Grupo de pesquisa Filosofia, Ciência e Tecnologia – IFPR. Atua na Linha de Pesquisa sobre Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Interação Humana e Contemporaneidade, Psicologia Histórico-Cultural e Educação, EDIFICARE – Grupo de estudos em Educação. É integrante do Projeto de Pesquisa EDIFICARE – Grupo de estudos em Educação, Geopolítica e nova ordem mundial: estudos dos impactos das organizações sobre o Estado brasileiro na atualidade, no Mulheres candidatas ao cargo de vereador de Umuarama nas eleições de 2016: expectativas e perspectivas da participação feminina na política, Contribuições do materialismo dialético para a compreensão do sujeito na Modernidade: consciência, arte e política e do A opressão de gênero na política e na História: dos fundamentos filosóficos às instituições brasileiras. É membro do Corpo Editorial dos periódicos Revista NEP- Núcleo de Estudos Paranaenses da UFPR, Revista Acadêmica da Câmara Municipal de Maringá, IF-Sophia: revista eletrônica de investigações, Instituto Cultura Política e da Revista Acadêmica Multidisciplinar Urutágua (UEM). É premiado em 2016 - Certificado de mérito, Turma de Curso Técnico em Química, 2015 Votos de Aplausos, Câmara dos Vereadores de Umuarama e 2014 Certificado de mérito, Turma do Curso Técnico em Orientação Comunitária. É autor de artigos científicos na mídia especializada nacional. É Coorganizador dos livros “Teoria social” (2016) e “Investigações Filosóficas-SOPHIA Umuarama: Filosofia, educação e autonomia” (2012).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

*tiun vidon en sia laboro.***Ŝlosilvortoj:** *Hesíodo; virinoj; mito; poezio; Grekio.***Abstract:**

This article aims to present and analyze the mythical ideas about women, through the poetry of Hesiod. For this, We question the way the woman was seen in that society, and as the poet expressed this view in his work.

Keywords: *Hesiod; Woman; Myth; Poetry; Greece.*

O objetivo deste texto é apresentar a forma que a mulher é retratada nos poemas **Teogonia** (2003) e **Os trabalhos e os dias** (2006), de autoria do aedo (poeta e cantor) Hesíodo, nascido na Beócia, no século VIII a.C., e, assim, estabelecer um debate acerca da opressão feminina na história, materializada nas produções humanas. Desta forma, este texto tem por questão a forma que Hesíodo deu à mulher em seus poemas, que são a versão escrita das narrativas míticas, que eram também a religião e a visão de mundo de seu tempo. Mas nosso problema se estende à visão de mulher que foi configurada daquela época e passou a ecoar, como um espectro, a formação da civilização ocidental, não somente em relação em suas narrativas religiosas, mas em sua prática social cotidiana e política: a ideia que a mulher possui uma humanidade à parte, perigosa, e que deve, portanto, ser especialmente controlada pelo poder. A mulher seria, assim, uma tribo perigosa, mas de necessária convivência, no mundo dos homens.

Este poeta, juntamente com Homero, é a nossa principal fonte de conhecimentos dos mitos, as narrações divinas que desembocaram na filosofia e no pensamento racional que marcam a modernidade, considerando ainda nossas instituições políticas, que orgulhosamente ostentam suas origens clássicas (especialmente gregas). Podemos notar que nossas pesquisas científicas em relação aos gregos visam esclarecer seu modo de conhecimento, sua filosofia, sua arte e política. Muitas vezes os aspectos sociais acabam relegados a um plano secundário,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

como se o gênio grego existisse como uma espécie de espiritualidade que paira no ar, talvez concentrado como uma névoa naquela época, mas dissipado nos dias de hoje. Nossa visão considera que a sociedade e história deva ser tão questionada quanto o seu produto.

Assim sendo, concordamos com Nagel (2006), que considera que a obra de Hesíodo deve ser considerada pelos historiadores da educação, uma vez que há em seus poemas uma visão de homem que deve ser compreendida, principalmente no aspecto do trabalho, tão ressaltado em seu poema **Os trabalhos e os Dias** (2006). Consideramos que há uma multiplicidade de aspectos que a raiz mitológica possa ser explorada, uma vez que é a chave para a interpretação do homem grego – e que pode ser a chave para a compreensão do homem ocidental, portanto – e assim sendo, múltiplos aspectos históricos podem ser investigados nestas obras. Nossa proposta é questionar o que a cultura grega tem a nos dizer sobre as mulheres.

Hesíodo, assim como Homero, é considerado o educador do homem grego. Mas quem é ele? Sabe-se que provavelmente viveu em fins do século VIII e início do século VII a.C. na Beócia. O que se sabe de sua vida é narrado por ele mesmo em seus poemas:

Seu pai habitava Cumes, na Eólia, onde possuía uma pequena empresa de navegação. Arruinado, atravessou o mar Egeu e retornou à Beócia, berço de sua raça. Aí, em Ascra, dedicou-se às atividades campesinas e aí nasceu, viveu e morreu Hesíodo (meados do séc. VIII a.C.) . Ao morrer, o pai deixou a Hesíodo e seu irmão Perses as terras que, devido ao clima rude da região, continuaram com esforço a cultivar. Na partilha dos bens, Hesíodo considerou-se lesado pelo irmão, que teria comprado os juízes venais. (PESSANHA, 1996, p. 11).

A leitura de Hesíodo é um mergulho na formação do homem grego, que hoje nos fundamenta. Seu período é o dito Arcaico, onde a filosofia não se faz presente, e a *arkhé* ainda se pré-configura. Sem a filosofia e o *logos*, em sua época a sociedade ainda se movimenta para revolucionar o mundo e estabelecer os “fundamentos e pontos de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

referência da existência humana: a *pólis*, o alfabeto e a moeda” (TORRANO, 2003, p. 15). Escrita antes do nascimento destas três condições (a política, a cultural e a econômica), seus poemas reúnem as condições sociais anteriores e contém o gérmen da sociedade que se estabeleceria a partir do século V a.C.

Importante salientar que Hesíodo não faz parte de nenhuma escola e nem inaugura uma escola de pensamento ou tradição literária. E isto por que está inserto nas narrativas do mito, ou, como Reale (1993) aponta, o homem homérico, onde para este, “*tudo é divino*, no sentido de que tudo o que acontece é obra dos deuses” (p. 21). Não apenas os fenômenos naturais, mas inclusive as relações sociais: “Mas também os fenômenos da vida interior do homem grego individual assim como sua vida social, os destinos da sua cidade e das suas guerras são concebidos como essencialmente ligados aos deuses e condicionados por eles.” (REALE, 1993, p. 21). E quem seriam tais deuses? “Em suma: os deuses da religião natural grega são *homens amplificados e idealizados*; são, portanto, *quantitativamente* superiores a nós, mas não *qualitativamente* diferentes” (idem, p. 21). A religião grega, de origem doméstica, implicava em que a figurava divina era o patriarca que, ao morrer, continuava a habitar a casa e a vida dos parentes com o mesmo corpo e mesmos hábitos, devendo sua memória e feitos sendo rememorados e lembrados, a fim de que seus filhos e netos inspirassem por seu exemplo (COULANGES, [s.d.]). Embora a religião do lar fosse a religião do homem, a mulher tinha parte essencial, por ser ela a responsável pelos ritos, cantos e a memória dos divinos antepassados: “Como filha, a mulher assistia aos atos religiosos de seu pai; depois de casada, aos de seu marido” (COULANGES, [s.d.], p. 31). Um grande guerreiro inspiraria uma descendência de homens bravos e corajosos nas artes bélicas: os *aristoi*, os guerreiros que tornaram-se a classe dirigente da *pólis* na aristocracia, a que trataremos adiante.

A religião da antiguidade não tinha escrituras sagradas, pois cada família estabelecia sua ritualística e memória dos mortos que se tornavam seus deuses. A



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

cidade, que amplificava tais relações, tinha nos poemas homéricos, e, posteriormente, na **Teogonia** (2003) de Hesíodo suas principais fontes. O aedo da Beócia, no entanto, conferiu aos mitos a narração em primeira pessoa, e, no caso de **Os trabalhos e os dias** (2006) a narrativa com a interferência de sua individualidade, uma vez que este poema é uma admoestação ao seu irmão Perses que, segundo o autor, subtraíra-lhe parte de sua herança. Se os deuses são a forma idealizada do homem, de que homem tratamos aqui? Ou melhor, que homens e mulheres idealizaram e se amplificaram nas figuras divinas? Se fizermos uma viagem a um tempo ainda muito anterior ao de Hesíodo, observaremos, a partir de Engels (1984), que na situação primitiva, a divisão social do trabalho era também a divisão sexual do trabalho e da sociedade, em forma igualitária: “Cada um manda no seu setor: o homem, no mato; a mulher, em casa. Cada um é proprietário dos instrumentos que prepara e usa” (p. 320). No entanto, o desenvolvimento humano se dava desigualmente entre as diversas regiões do mundo. Nos locais onde as condições naturais permitiam o pastoreio, esta se torna uma evolução que se destacou frente ao mundo primitivo: “Esta foi a *primeira grande divisão social do trabalho*. Estas tribos pastoris não só produziam víveres em maior quantidade como também em maior variedade que o resto dos bárbaros.” (idem, p. 320-21). Não apenas gêneros alimentícios foram aumentados e melhorados (que incrementaram a dieta do pastor, tornando-o mais forte que extrativista nômade), mas também o vestuário (o tear), e os instrumentos para o trabalho e armas, advindos do desenvolvimento da fundição de minérios e metais. O desenvolvimento do trabalho implicou no desenvolvimento da produção, e esta passou a se apoderar necessariamente da força de trabalho para que pudesse produzir mais: “Passou a ser conveniente conseguir mais força de trabalho, o que se logrou através da guerra; os prisioneiros foram transformados em escravos.” (idem, p. 322). A primeira grande divisão social do trabalho trouxe em seu turbilhão a primeira divisão social: senhores e escravos.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

No entanto, assevera Engels (1984), não foi apenas socialmente que tal cisão ocorreu, mas no seio da família também. Como o homem desenvolvera os meios de subsistência e seus meios de obtenção, estes e seus resultados também passaram a ser de sua propriedade. “A ele pertencia, portanto, o gado; a ele, mercadoria e escravos trocados por gado. Todo o excedente que a produção agora deixava recaía para o homem; a mulher usufruía junto, mas não tinha participação na propriedade” (idem, p. 322). Com a divisão da sociedade vem a divisão de gêneros. Se no mundo primitivo o homem “selvagem” aceitava sua posição inferior dentro de casa, o “suave” pastor impôs a mulher o segundo plano no lar.

A mesma causa que havia assegurado à mulher a sua antiga supremacia na casa: a sua limitação ao trabalho caseiro, a mesma causa agora assegurava agora a supremacia do homem na casa: o trabalho doméstico da mulher desaparecia agora frente ao trabalho produtivo do homem. Este era tudo; aquela, um adendo sem maior significação. Aqui já se mostra que a libertação da mulher, a sua equiparação com o homem, é e permanece uma impossibilidade enquanto a mulher ficar excluída do trabalho social produtivo e restrita ao trabalho caseiro privado. (idem, p. 322)

Desta forma, é preciso que se considere que o sucesso do homem grego tem o seu suporte em ter sido uma sociedade que desde muito cedo na civilização ocidental estabeleceu-se como uma comunidade pastora e também escravocrata. Muitas vezes o “gênio grego” é exaltado em virtude de seus êxitos culturais, como a filosofia, a arte e a política, deixando-se de lado as considerações sobre esta ser também uma sociedade belicosa e escravocrata. E, por consequência, a situação da mulher no lar era a mesma retratada por Engels: um adendo com pouca significação, tanto no lar, quanto na economia e na política. Não é à toa que a palavra grega *oikos* que gerou a economia, e a palavra *éthos* que gerou ética possuem ambas a mesma significação originária: casa, moradia, ou seja, a visão que a casa não apenas simboliza a situação social, mas a origina e a expande. E tal situação pode ser facilmente identificada nos mitos e em sua



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

narração.

Em **Os trabalhos e os Dias** (2006) Hesíodo inicia seu canto tratando das duas Lutas e anunciando que seu irmão fique atento aos valores do trabalho:

o outro rico apressado em plantar, semear e a casa beneficiar; o vizinho inveja ao vizinho apressado atrás de riqueza; boa Luta para os homens esta é; o oleiro ao oleiro cobiça, o carpinteiro ao carpinteiro, o mendigo ao mendigo inveja e o aedo ao aedo. Ó Perses! Mete isto em teu ânimo: a Luta malevolente teu peito não afaste para ouvir querelas na ágora e a elas dar ouvidos. (HESÍODO, 2006, v. 22-29).

Percebemos que o trabalho é uma luta que gera boas relações: a inveja que é produtiva, que melhora a situação geral dos homens é por ele considerada uma boa luta. Diferente é a luta malévola a que seu irmão realiza: a destrutiva dos homens: *Já dividimos a herança e tu de muito mais te apoderando Levaste roubando e o fizeste também para seduzir reis (HESÍODO, 2006, v. 37-38).*

“Trabalho e justiça são os dois pólos nos quais Hesíodo instaura o homem concreto. Há, no eleito pelas Musas, um interesse em reformar a prática social” (NAGEL, 2006, p. 53). Mas qual a origem destas relações? Se tudo é divino, é então nos deuses que o aedo deve buscar o motivo para tal ignomínia. É assim que ele nos apresenta o mito de Prometeu e Pandora, tanto em **Os trabalhos e os dias** (2006) e na **Teogonia** (2003). Interessante notarmos que Zeus é o pai dos homens que, antes da primeira mulher Pandora, brotavam da terra para nascer e adormeciam nela para morrer, além de: “Antes vivia sobre a terra a grei dos humanos a recato dos males, dos difíceis trabalhos, das terríveis doenças que ao homem põem fim (HESÍODO, 2006, v. 91-93).”

Ou seja, em um estado paradisíaco, onde “senão comodamente em um só dia trabalharias para teres por um ano, podendo em ócio ficar (HESÍODO, 2006, v. 43-44).”



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Tal situação muda por conta da ira de Zeus, causada por Prometeu. “O titã surge com sua característica fundamental presente em seu nome – o de *métis* (inteligência astuciosa)” (LAFER, 2006, p. 62). Zeus, pai dos homens e dos deuses, foi logrado pela astúcia de Prometeu, que lhe furtou o fogo divino e entregou aos homens.

*Mas Zeus encolerizado em suas entranhas ocultou,
Pois foi logrado por Prometeu de curvo-tramar
por isso para os homens tramou tristes pesares* (HESÍODO, 2006, v. 49).

O castigo de Prometeu é conhecido, e Hesíodo o relata na **Teogonia**:

*E prendeu com infrágeis peias Prometeu astuciador,
cadeias dolorosas passadas ao meio duma coluna,
e sobre ele incitou uma águia de longas asas,
ela comia o fígado imortal, ele crescia à noite
todo igual o comera de dia a ave de longas asas* (HESÍODO, 2003, v. 521-25).

No entanto, a herança de Prometeu ao homem foi fundamental para sua situação na terra. Primeiro, a necessidade do aprendizado e da inteligência para que pudesse sobreviver. Em segundo lugar, adveio da vingança do Pai dos homens, que, diferente do aprisionamento de Prometeu, foi muito mais ardilosa. Se depois de Prometeu o homem desenvolveu sua cognição e sua habilidade instrumental, Zeus fez um ardil com estas características: “(...)Para esses em lugar do fogo eu darei um male todos se alegrarão no ânimo, mimando muito este mal” (HESÍODO, 2006, v. 57-58).”

Este “mal” não poderia, assim, ser igual ao mal infligido ao titã. Há a necessidade que o homem sofresse uma cilada, muito bem planejada e executada pelo Pai:

*ordenou então ao ínclito Hefesto muito velozmente
terra à água misturar e aí pôr humana voz e
força, e assemelhar de rosto às deusas imortais
esta bela e deleitável forma de virgem; e a Atena
ensinar os trabalhos, o polidedáleo tecido tecer;*



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

*e à áurea Afrodite à volta da cabeça verter graça,
terrível desejo e preocupações devoradoras de membros.
Aí pôr espírito de cão e dissimulada conduta
determinou ele a Hermes Mensageiro Argifonte. (HESÍODO, 2006, v.
60-68).*

Podemos perceber, até o momento, que a criatura envolveu vários deuses e seres divinos em sua fabricação. O que é interessante é que há um processo de trabalho complexo aqui, onde Zeus, como “bom” arquiteto-engenheiro administra as pequenas contribuições dos envolvidos, a fim de realizar seu macabro projeto. A esta criatura, belas formas e graça lhe dão aparência, mas lhe contém também “terrível desejo”, “preocupações devoradoras de membros”, “espírito de cão” e “dissimulada conduta”. Mas não foi apenas isto:

*Rápido o ínclito Coxo da terra plasmou-a
conforme recatada virgem, por desígnios do Cronida;
Atena, deusa de glaucos olhos, cingiu-a e adornou-a;
deusas Graças e soberana Persuasão em volta
do pescoço puseram colares de ouro e a cabeça,
com flores vernais, coroaram as bem comadas Horas
e Palas Atena ajustou-lhe ao corpo o adorno todo.
Então em seu peito, Hermes Mensageiro Argifonte
mentiras, sedutoras palavras e dissimulada conduta
forjou, por desígnios do baritonante Zeus. Fala
o arauto dos deuses aí pôs e a esta mulher chamou
Pandora, porque todos os que têm olímpia morada
deram-lhe um dom, um mal aos homens que comem pão. (HESÍODO,
2006, v. 70-82).*

Pandora então é o nome da criatura, e é a primeira mulher, enviada aos homens. Bela, recatada e adornada em sua aparência, com forma de virgem, com voz e força humana, é esta a armadilha do Pai aos homens. Dissimulada, mentirosa e sedutora são as características que a fazem perigosa, e portadora da vendeta divina, dentro de um jarro (seria sua vagina?) que, ao ser aberta, produziu grandes males:



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

*mas a mulher, a grande tampa do jarro alçando,
dispersou-os e para os homens tramou tristes pesares.
Sozinha, ali, a Expectação em indestrutível morada
abaixo das bordas restou e para fora não
voou, pois antes repôs ela a tampa no jarro
por desígnios de Zeus porta-égide, o agrega-nuvens.
Mas outros mil pesares erram entre os homens;
plena de males, a terra, pleno, o mar;
doenças aos homens, de dia e de noite,
vão e vêm, espontâneas, levando males aos mortais,
em silêncio, pois o tramante Zeus a voz lhes tirou. (HESÍODO, 2006, v.
94-104).*

Com a abertura do jarro feminino, o homem realiza o ardil de Zeus: espalham-se os males, por toda a terra e ao mar; a Expectação (muitas vezes traduzida como Esperança) fica encerrada dentro da mulher (em seu jarro) sem poder ser jamais retirada, e junto com esta, a voz dos homens também se esvai. O Pai não escuta mais a seus filhos, e encerra-se a ligação com os deuses.

A beleza das formas coaduna-se com a mentira e dissimulação do espírito, de acordo com o projeto do deus-pai, realizada pelas demais divindades. Quando a mulher, sedutora, surge ao homem e lhe abre seu sexo, a humanidade masculina se torna condenada a perder todas as facilidades que tinha, a relativa opulência que vivia, com o pouco de trabalho que realizava. Perdeu a relação com o deus-pai, pois seduzido pela mulher “espírito de cão”, perdeu sua voz e suas expectativas. O único ser a que poderia se comunicar é com seu algoz: a própria mulher. Agora o homem deve experimentar e se comunicar com um ser que não existia: uma nova “raça”, que o obriga a trabalhar muito mais do antes, e a agir sem confiar neste novo ser. “A raça dos seres viris teve de se haver, de uma só vez, com dádivas ambíguas e um dom-castigo inalienáveis” (GAZOLLA, 2011, p. 140). A partir de Pandora, o homem deve conviver com a mulher, mas em seu espírito deve correr a constante desconfiança. A partir dela, uma nova relação surge, pois Pandora é a primeira de uma nova raça, conforme a

Teogonia:



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

*Dela descende a geração das femininas mulheres.
Dela é a funesta geração e grei das mulheres,
grande pena que habita entre homens mortais,
parceiras não da penúria cruel, porém do luxo.* (HESÍODO, 2003, v. 590-93).

Assim, a raça dos homens passa a conviver obrigatoriamente com uma nova raça. Não bastasse a mortalidade dos homens, o homem prometeico, aquele que com o conhecimento se aproxima dos deuses, agora deve debater-se com a raça daninha, uma tribo diversa da sua, uma *génos gynaikôn* (GAZOLLA, 2011). A mulher ao mesmo tempo em que busca a riqueza que o homem produz, se encarrega de destruí-la.

Se Hesíodo pode ser considerado um educador da necessidade do trabalho, ele é também um educador das relações de gênero, onde o homem deve sempre ter uma relação de desconfiança, ou até mesmo de poder físico sobre a mulher. Estabelecer qualquer tipo de comunicação com a raça feminina é dar margem ao ardil, à sedução, ao fim da expectativa. No poema **Os trabalhos e os dias** (2006), ao voltar-se para seu irmão Perses, nos últimos versos, Hesíodo, o educador, lhe dá um último conselho sobre as mulheres:

*Nem mulher de insinuadas ancas te engane a mente
Palreando provocante com o olho em teu celeiro;
Quem em mulher confia em ladrões está confiando.* (HESÍODO, 2006, v. 373-375).

Aí está a realidade da narração mítica: a mulher que seduz o homem com o olhar, sendo que este está em suas riquezas. Se o homem deve exercer a boa luta consigo mesmo, com a mulher deve ele estabelecer a distância para se preservar. A mulher, parceira do luxo, é artefato divino para destruição do homem. Sua origem é diversa da gênese viril, e é isto que o homem deve aprender sobre este ser.

No entanto, a maldição dos deuses está em justamente obrigar o homem a viver com a mulher. Se antes os homens nasciam da terra e dormiam nela, a mulher



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

surge quebrando esta relação com a divina Mãe. Se antes de Pandora o homem se relacionava através da *philía* e da *andreia*, a amizade e a coragem viris, agora tais vínculos são quebrados. Há a necessidade dos educadores, poetas e aedos, que devem estar ao lado dos homens alertando-os da necessidade da restauração da amizade, da justiça, da coragem, apesar dele ter nascido do mesmo ventre que impede que haja Expectação no mundo. A mulher, assim,

Não é, portanto, a Grande-mãe da humanidade, ao menos para Hesíodo, mas é autogeradora, é mãe de si mesma, reproduz tanto sua própria tribo quanto a outra, por isso ela é uma terrível ameaça a quem dela depende. Sendo fabricação dos deuses, tem algo deles: fabrica seres dentro de si mesma. Estranha arte essa que pode criar sem o conhecimento do processo técnico exteriorizado, exigido dos homens! (GAZOLLA, 2011, p. 143).

Eis a revanche de Zeus a Prometeu e suas promessas aos homens. Se estes, a partir do fogo dos deuses acreditam que podem a tudo conhecer e a tudo dominar, a mulher é a parcela indomável, tanto do conhecimento, quanto do trabalho e das riquezas. O homem, nesta nova relação, não tem escapatória. Quem fugindo a núpcias e a obrigações com mulheres

não quer casar-se, atinge a velhice funesta sem quem o segure: não de víveres carente vive, mas ao morrer dividem-lhe as posses parentes longes. A quem vem o destino de núpcias e cabe cuidosa esposa concorde consigo, para este desde cedo ao bem contrapesa ao mal constante. E quem acolhe uma de raça perversa vive com uma aflição sem fim nas entranhas, no ânimo, no coração, e incurável é o mal. (HESÍODO, 2003, v. 603-12).

Se a existência do cosmos mítico implica em uma separação do homem e seus deuses, cujo erro de Prometeu foi a tentativa de reaproximação destas esferas, a consequência para o humano é uma nova separação: o sexo. Não (con)viver com uma mulher tem suas graves consequências: não serão gerados filhos, e suas posses serão dissipadas por parentes (e suas mulheres), além do que, a pobre alma irá vagar pela



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

eternidade sem os rituais e orações da religião doméstica. Aqui, no entanto, Hesíodo sutilmente insere uma possibilidade de boa convivência com a mulher, já que dos males necessários, é possível minimizá-los: fazer com que a esposa concorde consigo, e assim ela se torne cuidadosa. Se o homem deve ser educado, é este homem o responsável por educar a mulher dentro do lar, primeiro a filha, e depois, a esposa (se tiver a sorte de possuir – literalmente – uma esposa já previamente educada pelo seu pai). A mulher deve ser educada para a concordância, ou, assim como Aristóteles expõe em sua **A política** (2002), a “*um modesto silêncio é a honra da mulher, ao passo que não fica bem no homem*” (p. 36). Se a existência da mulher gerou o silêncio dos homens em relação aos deuses, a fórmula lógica grega resolve tal problema: impondo agora o silêncio honroso e cuidadoso, à perigosa portadora do mal.

Claro que tais ideias míticas, estruturais para uma sociedade, que se tornou estrutural para tantas outras, contém uma visão opressora que acabou por se tornar pacífica. Oprimir, objetificar, educar para o silêncio se tornou a tônica não apenas para as mulheres, mas para todos aqueles que fossem considerados “perigosos” para a sociedade. Se alguns séculos depois de Hesíodo, com o estabelecimento da filosofia, da moeda, e o sistema político grego culminou com a *polis* e, principalmente com a democracia ateniense, este sistema tinha por objetivo a integração do povo de Atenas:

Tinham orgulho da sua constituição. Dos três regimes que os gregos conheciam, apenas um parecia convir à dignidade humana: era o que opunha o princípio de igualdade ao princípio oligárquico e mantinha, contra a tirania, o direito à liberdade. Liberdade, igualdade, tal era propriamente a divisa dos atenienses; a essa divisa, acrescentaram a fraternidade, sob o nome de *filantropia*. (GLOTZ, 1980, p. 118).

Parece, enfim, que o projeto hesiodiano foi bem sucedido. O homem grego foi educado para o trabalho e para a política, firmando um regime que congregou o trabalho e a justiça, e que espelha povos até nossos dias. Não podemos, no entanto, esquecer que a democracia ateniense era uma democracia de exclusão dos



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

estrangeiros, e das mulheres, ainda que pátrias, além dos escravos, que forneciam a mão-de-obra para o sustento do homem democrático grego. A liberdade e a igualdade foram, assim, erigidas a partir do silêncio da base social, que produzia bens e homens. Até quando tal silêncio irá se manter?

Referências

- ARISTÓTELES. **A política**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- COULANGES, F. **A cidade antiga: estudos sobre o culto, o direito, as instituições da Grécia e de Roma**. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d].
- ENGELS, F. “Barbárie e civilização” . *In*: FERNANDES, F. (org.). **K. Marx, F. Engels: história**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1984.
- GAZOLLA, R. **Pensar mítico e filosófico: estudos sobre a Grécia Antiga**. São Paulo: Loyola, 2011.
- GLOTZ, G. **A cidade grega**. São Paulo / Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.
- HESÍODO. **Os trabalhos e os dias (primeira parte)**. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- HESÍODO. **Teogonia: a origem dos deuses**. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- LAFER, M. “Os mitos: comentários” . *In*: HESÍODO. **Os trabalhos e os dias (primeira parte)**. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- NAGEL, L. **Dançando com os textos gregos: a intimidade da literatura com a educação**. Maringá: EDUEM, 2006.
- PESSANHA, J. “Vida e obra” *In*: OS PRÉ-SOCRÁTICOS. **Fragmentos, doxografia e comentários**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Col. Os Pensadores.
- REALE, G. **História da filosofia antiga: das origens a Sócrates**. São Paulo: Loyola, 1993. Vol. 1.
- TORRANO, J. “O Mundo como função de Musas” *In*: HESÍODO. **Teogonia: a origem dos deuses**. São Paulo: Iluminuras, 2003.